

Violência nas escolas: percepções e práticas de violência entre alunos em duas escolas de Portugal e duas escolas no Brasil¹

Violence in schools: perceptions and practices of violence between students in two schools of Portugal and two schools in Brazil

Fabiana Maria Roque Chaves*

Resumo: O presente estudo analisa percepções e práticas de violência nas escolas entre adolescentes. O mesmo é o resultado da tese de doutoramento intitulada “Violência nas escolas: representações e práticas de violência entre alunos de duas escolas de Portugal e duas escolas no Brasil”, na qual investigamos de que maneira a violência se manifesta na escola, como ela é percebida pelos envolvidos e quais têm sido as práticas de enfrentamento da mesma. Trata-se de um estudo comparado entre dois países, diferentes em muitos aspectos, mas que se assemelham em termos da natureza da violência escolar no tocante às origens dos processos de produção da mesma. O estudo apresenta a percepção que estes vivenciam no cotidiano de suas escolas e estratégias, que segundo estes atores sociais, deveriam ser utilizadas para lidar com os conflitos existentes. Embora diferentes em muitos aspectos, estas escolas se assemelham no tocante à existência de incivildades e a preocupação dos adolescentes em preveni-las com ações afirmativas frente a estes atos.

Palavras-chave: Educação. Violência nas Escolas. Percepções e Práticas.

Abstract: The present study analyzes representations and practices of violence in schools among adolescents. The same is the result of the doctoral thesis entitled "Violence in schools: representations and practices of violence between students of two schools in Portugal and two schools in Brazil", in which we investigate how violence manifests itself in school, as it is perceived by those involved and what have been the practices of coping with it. It is a comparative study between two countries, different in many ways, but which resemble in terms of the nature of school violence

¹ Este artigo constitui parte de uma investigação empírica realizada no âmbito do doutoramento na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa-Portugal, intitulado Violência nas escolas: as representações e práticas de violência de alunos em duas escolas em Portugal e duas escolas no Brasil.

* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Conhecimento, Cultura e Educação da Universidade Nova de Lisboa-Portugal. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade de Lisboa-Portugal. Professora da Faculdade de Viçosa. Pesquisadora do GATE- Grupo de Atenção à Tecnologia na Educação – Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa.

as to the origins of the school's production processes. The study presents the perception that they experience in the daily life of their schools and strategies, which according to these social actors, should be used to deal with existing conflicts. Although different in many respects, these schools resemble the existence of incivility and the concern of adolescents to prevent them with affirmative action against these acts.

Keywords: Education, violence in school, representations and practices.

Introdução

Nos últimos anos, casos de violência ocorridos nas escolas, têm sido cada vez mais noticiados, chamando atenção ao aumento, ou o registro, de atos delituosos e de pequenas e grandes “incivilidades” nas escolas, o que justifica o sentimento de insegurança dos que a frequentam. Esta visibilidade sobre as situações de violência nas escolas tem sido acompanhada, como salienta Sebastião, Alves & Campos (2003, p.37) “em paralelo, pela exposição mediática dos fenômenos de delinquência juvenil, coincidindo na ideia de que ambas convergem e constituem uma ameaça grave, encontrando-se fora de controle”. Neste sentido, assistimos a um aumento significativo do sentimento de insegurança no seio das comunidades educativas e à crescente exigência de tomada de medidas políticas e disciplinares mais severas.

Os impactos da violência escolar são ainda mais preocupantes, uma vez que esta atinge principalmente estudantes com maiores desvantagens socioeconômicas. De fato, a literatura internacional mostra que o envolvimento de jovens em crimes contra o patrimônio está fortemente relacionado ao status socioeconômico da família, à pobreza e às taxas de desemprego do local de moradia, ao salário recebido no mercado de trabalho. (TAVARES & PIETROBOM, 2016).

Neste sentido, tornam-se mais visíveis as transgressões, os atos agressivos, os incidentes mais ou menos graves que têm como palco a escola ou seu entorno, onde todos os atores (alunos, professores, corpo técnico-pedagógico, pais e agentes de segurança) sentem-se vítimas em potencial. Esse angustiante sentimento de vulnerabilidade, segundo Debarbieux (1998, p. 13), “expressa a existência de uma tensão social, que desencadeia insegurança no cotidiano das pessoas, mesmo não sendo elas vítimas diretas de crimes e delitos” – reflexão corrente no acervo da literatura internacional sobre o tema.

Nos últimos anos, percebe-se que a instituição escolar vem enfrentando profundas mudanças com o aumento das dificuldades cotidianas, que provêm tanto dos problemas de gestão e das suas próprias tensões internas quanto da efetiva desorganização da ordem social, que se expressa mediante fenômenos exteriores à escola, como a exclusão social e institucional, a crise e o conflito de valores e o desemprego. A escola não seria mais representada como um lugar seguro de integração social, de socialização, não é mais um espaço resguardado; ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas.

Também as alterações profundas que se produziram na estrutura, nos métodos e nos públicos dos sistemas educativos, trouxeram consequências que foram analisadas na literatura sociológica (CHARLOT, 2002; DEBARBIEUX, 2002; LISBOA, 2009; ABRAMOVAY, 2012). A massificação do acesso à escola coincidiu com a democratização política, fato que resultou em contextos escolares mais conflituais e no acesso a níveis da escolarização cada vez mais elevados de grupos sociais deles até aí afastados. A diversificação dos públicos escolares, originalmente como resultado da massificação, posteriormente devido aos processos migratórios de variados tipos, tem contribuído para transformar a sociedade, traduzindo-se ainda, pelo desencadear de situações conflituais no sistema educativo que são resultantes da manutenção de métodos organizacionais e pedagógicos típicos da escola de elites e resultantes também, do acréscimo da presença na escola de grupos portadores de características culturais e valores conflituais com os dominantes na instituição escolar.

Já no enfoque de caráter sociológico não poderemos, contudo, deixar de sublinhar a problemática dos direitos humanos que está intimamente associada a todo o sofrimento ou privação que a violência comporta, seja ela uma realidade escolar ou em qualquer outro contexto. Neste modo de ver as coisas, os sociólogos fizeram com que fosse possível conceber estratégias que fossem além da mera repressão, ou de uma retirada tímida de volta ao “santuário”. Eles colocaram em questão o próprio significado da escola, em sua dimensão socializadora e, por fim, deram ênfase às novas dimensões da seleção social que vêm ocorrendo nas escolas, que incluem as tendências étnicas ou até mesmo raciais, e que tornaram-se objetos de novas pesquisas, em razão da sua importância para as escolas.

Em um importante artigo a respeito da trajetória dos estudos sobre violência escolar na França, Debarbieux (2001) conclui que “é enganoso supor que a definição

permita maior aproximação e apreensão do fenômeno” (apud Silva & Ristum, 2010, p.235) e propõe que a violência seja estudada a partir de como ela é percebida pelos atores sociais que a vivenciam, em contextos diferenciados.

Muitos problemas na escola atual, não se referem apenas aos aspectos pedagógicos, mas, a fatores próprios do seu contexto e organização. Estes incidem indiretamente nos resultados do trabalho dos professores que em seus relatos, de maneira geral, têm destacado que a violência, principalmente o desrespeito, vem se constituindo como uma constante no meio escolar.

Partindo destes pressupostos, esta pesquisa tem como ponto de partida uma descrição detalhada das diferentes formas de violências que ocorrem no cotidiano das escolas, enfatizando como este fenômeno se dá nas interações sociais e nas percepções e práticas dos adolescentes sobre a violência nos estabelecimentos de ensino. Dá-se ênfase a um enfoque vivencial e simbólico, que por sua vez abarca tanto experiências dos atores como vítimas, agressores e observadores, como o imaginário sobre as várias violências vividas e praticadas em duas escolas de Portugal e duas escolas do Brasil.

Trata-se de um estudo comparado entre estas escolas destes dois países, diferentes em muitos aspectos, mas que se assemelham em termos da natureza da violência escolar no tocante às origens dos processos de produção da mesma.

Neste sentido, procuramos compreender as violências em contexto escolar, identificando tanto as orientações comuns como as particularidades dos modos de apropriação deste modelo em cada um dessas escolas.

Sendo assim, este estudo teve como objetivos investigar as percepções e práticas dos adolescentes acerca da violência no contexto escolar; a percentagem de indivíduos expostos e afetados; o que pode ser feito para minimizá-la neste contexto, encontrar soluções pacíficas e criativas para a eliminação da violência que afeta principalmente os adolescentes, através da fala dos mesmos.

Definido os objetivos propostos, foram levantadas as seguintes questões, que orientaram a investigação empírica:

- Alunos destes contextos, duas escolas de Portugal e duas escolas no Brasil, têm a mesma percepção das violências vividas e praticadas?
- O que pensam estes atores sociais sobre as práticas de violência que ocorrem nas suas escolas?

- Segundo estes atores, em que aspectos programas e políticas de intervenção podem contribuir para o enfrentamento desta violência em escolas de Portugal e Brasil?

Metodologia

Face ao problema sociológico definido, não é possível eleger um único instrumento de investigação para as questões colocadas. A pesquisa em questão se pautou pelo pluralismo metodológico, ou seja, pela combinação de métodos extensivos (quantitativos) e compreensivos (qualitativos), a fim de melhor se aproximar das representações e práticas de violências vividas neste contexto.

A pesquisa extensiva visou quantificar, detalhar e relacionar mensurações e descrever a extensão de um fenômeno, “recorrendo-se a levantamentos² tipo “survey”³ (ABRAMOVAY, 2006, p.40).

O questionário foi aplicado há um total de 1.000 alunos (451 do sexo masculino e 549 do sexo feminino) distribuídos pelas quatro escolas de ensino básico (2º e 3º ciclos), duas escolas na cidade de Lisboa em Portugal e duas escolas no estado de Minas Gerais no Brasil, tendo os sujeitos idades compreendidas entre os 10 aos 15 anos.

Já a pesquisa compreensiva consiste em um tipo de estudo que dá voz aos sujeitos, incorporando condicionamentos sociais e reações a eles, «representando tensões e interações dialéticas entre o objetivo e o subjetivo – os quais não são opostos, mas compõem uma realidade múltipla» (ABRAMOVAY, 2006, p.40). Nesse sentido, foi proposta uma questão: Perguntamos aos alunos a percepção dos mesmos sobre a violência que ocorre nas suas escolas e como previni-la ou combate-la neste contexto.

Resultados e discussões

Analisando as práticas de violências que ocorrem diariamente na escola, corrobora-se a tese de que agressões múltiplas se reforçam e que a violência é uma

² Pesquisa por levantamento é aquela que as características de interesse de uma população são levantadas (observadas ou medidas), mas sem manipulação. É a pesquisa realizada mediante a “interrogação direta das pessoas cujo comportamento deseja conhecer” (GIL, 1996, p.56).

³ É o tipo de pesquisa que visa determinar informações sobre práticas ou opiniões atuais de uma população específica ver GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4ªed. São Paulo, Atlas, 1995. 207p.

diade a ser estudada como uma relação em que interagem vítimas, agressores e observadores.

No cotidiano das escolas a prática de violência é vivenciada pelos alunos, portanto, com base nos dados das escolas estudadas e após análise dos mesmos, dos 1.000 alunos que responderam o questionário, 525 (52,5%) alunos referem ter presenciado nas suas escolas práticas de violência que consideram reprovável na escola.

Tabela 1

Distribuição dos pesquisados sobre práticas de violência presenciadas na escola

Sexo	Escalão etário							Nível de Ensino					
	10 ano s	11 ano s	12 ano s	13 ano s	14 ano s	15 ano s	Outra s idades	Tota l	5º An o	6º An o	7º An o	8º An o	9º An o
Rapaz	22	49	49	77	29	20	3	249	50	58	55	61	25
Rapariga	26	40	61	82	34	28	5	276	50	53	59	87	27
Total								525					

Fonte: *Inquérito Representações e Práticas de Violência nas Escolas*

Dos alunos que responderam terem observado práticas de violências na sua escola, num total de 525 alunos, 276 (52,5%) eram meninas e 249 (47,5%) rapazes. As meninas presenciaram mais práticas de violência em relação aos rapazes.

Tabela 2

Distribuição dos pesquisados sobre práticas de violência presenciadas na escola por sexo, escalão etário e nível de ensino em duas escolas-Portugal.

Portugal (Escolas 1. Escola Básica 2,3 de Marvila e 2. Agrupamento de Escolas Delfim dos Santos)

Sexo	Escalão etário							Nível de Ensino					
	10 ano s	11 ano s	12 ano s	13 ano s	14 ano s	15 ano s	Outra s idades	Tota l	5º An o	6º An o	7º An o	8º An o	9º An o
Rapaz	22	36	28	27	12	6	3	134	50	42	22	11	9
Rapariga	24	29	33	19	12	14	3	134	49	39	17	16	14
Total								268					

Fonte: *Inquérito Representações e Práticas de Violência nas Escolas*

Tabela 3

Distribuição dos pesquisados sobre práticas de violência presenciadas na escola por sexo, escalão etário e nível de ensino em duas escolas-Brasil

Brasil (3. Escola Estadual Presidente Juscelino Kubistchek de Oliveira e 4. Escola Estadual Coronel Paiva)

Sexo	Escalão etário							Nível de Ensino					
	10 ano s	11 ano s	12 ano s	13 ano s	14 ano s	15 ano s	Outra s idades	Tota l	5º An o	6º An o	7º An o	8º An o	9º An o
Rapaz	0	13	21	50	17	14	0	115	50	42	22	11	9
Rapari g a	2	11	28	63	21	14	2	141	49	39	17	16	14
Total								256					

Fonte: *Inquérito Representações e Práticas de Violência nas Escolas*

Comparando as escolas pesquisadas, tabela 2 e 3. Nas escolas de Portugal, 269 (51,2%) alunos disseram observarem práticas de violência na sua escola enquanto que nas escolas do Brasil, 256 (48,8%) alunos. Tal situação corresponde a valores de práticas de violência em Portugal abaixo do esperado⁴ e superior ao esperado relativamente as práticas de violência observadas no Brasil ($X^2 = 12,596$; $gl= 1$; $p=0,000$)⁵.

Em comparação por sexo, nas escolas de Portugal, não há diferença significativa entre rapazes e meninas disseram observar práticas de violência. Nas escolas do Brasil, as meninas 141(55%) disseram em maior número em relação aos rapazes 115 (45%), observaram práticas de violência. Em relação ao escalão etário, comparando as escolas estudadas, temos, nas escolas de Portugal, maior incidência de práticas de violência observadas nas idades entre 11 e 12 anos. Nas escolas do Brasil a maior incidência apresenta-se na idade dos 13 anos.

Com base na presença de práticas de violência nas escolas pesquisadas e o grau em que estes adolescentes se sentiram ameaçados, perguntamos aos mesmos, quais eram os atos mais frequentes. Os comportamentos analisados que poderiam estar

⁴ Para efeitos da análise dos dados, considera-se valores diferentes do esperado numa determinada modalidade (acima ou abaixo) aqueles que apresentam percentualmente, em relação ao total da variável em questão, diferenças significativas quando na respectiva tabela de frequências os valores residuais padronizados estão fora do intervalo $]-2; +2[$, uma vez que, em condições de independência das variáveis, a probabilidade de ocorrência de valores fora deste intervalo é inferior a 5% (margem de erro utilizada nesta investigação).

⁵ Na presente investigação apenas se faz referência ao qui quadrado (X^2) quando o respectivo valor, tendo em conta o número de graus de liberdade (gl) e a margem de erro de 5%, é considerado significativamente maior que o e, para além disso, se verificar que menos de 10% das células resultantes do cruzamento das variáveis apresentam valor igual ou inferior a 5.

sendo praticados nas escolas foram: brigas; agressão verbal e/ou psicológica, palavrões; agressão física; bater; ameaças; socos, pontapés, beliscões e puxões de cabelo; espancamento; bullying; empurrão; de tudo; insultos e desrespeito; assalto e/ou roubos; confrontos; discussão; discriminação (cor da pele, sexo, raça) e preconceito. Por fim, foram considerados todos os tipos de práticas que os alunos pudessem referir.

Tabela 4
Distribuição dos pesquisados sobre práticas de violência reprováveis, presenciadas na escola

Práticas Presenciadas	Ocorrência N	%	Sexo				Escalão Etário					
			Rapaz	%	Rapaziga	%	10 Anos	11 Anos	12 Anos	13 Anos	14 Anos	15 Anos
Nenhuma	642	64,3 %	300	66,5 %	342	63%	79	139	128	140	102	54
Brigas	108	10,8 %	46	10,2 %	60	11%	0	4	10	63	18	13
Agressão verbal e/ou psicológica/palavrões	102	10,2 %	41	8,6 %	61	11,2 %	8	18	39	20	10	7
Agressão Física	36	3,6%	18	4%	18	3,3%	11	6	6	6	5	2
Bater	8	0,8%	3	0,7%	5	1%	3	3	0	1	0	1
Ameaça	7	0,7%	4	0,9 %	3	0,5 %	0	3	0	2	0	2
Socos, pontapés, beliscões, puxões de cabelo	30	3%	13	2,9 %	17	3,1%	4	12	6	6	0	2
Espancamento	5	0,5%	3	0,6 %	2	0,4 %	3	0	1	0	1	0
Bullying	34	3,4%	15	3,3%	19	3,5%	3	4	4	16	2	5
Empurrão	4	0,4%	1	0,2 %	3	0,5 %	0	2	2	0	0	0
De tudo	1	0,1%	0	0%	1	0,22	0	0	1	0	0	0

						%						
Insultos e/ou desrespeito	9	0.9%	3	0.66%	6	1.1%	1	2	4	2	0	0
Assalto e/ou roubo	8	0.8%	5	1.10%	3	0.3%	1	4	0	1	1	1
Confrontos	3	0.3%	0	0%	3	0.3%	0	0	0	3	0	0
Discussão	1	0.1%	0	0%	1	0.2%	0	0	0	0	0	1
Discriminação/ preconceito	1	0.1%	1	0.2%	0	0%	0	0	0	1	0	0
Total	999	100%	451	100%	543	100%	113	197	201	26	139	88

Fonte: *Inquérito Representações e Práticas de Violência nas Escolas*

Perguntados sobre as práticas de violência reprováveis, presenciadas na escola, tabela 4, 642 (64,3%) alunos, referiram não presenciar nenhuma. Mas, observa-se que, quando perguntados sobre as práticas de violência que ocorrem na escola (Tabela 1), vemos que 525 alunos da amostra disseram observar práticas de violência. Mas quando perguntado quais seriam estas práticas, apenas 357 alunos (Tabela 4) as reportaram. Dos 642 alunos que disseram não haver nenhuma prática, observamos um maior número de meninas 342 (53,%) em relação aos rapazes 300 (46,8%), que não referiram nenhuma prática de violência na escola. Já os alunos que referiram ter observado práticas de violência que consideravam reprováveis na escola, temos 357 (35,7%) alunos. Relativamente à **análise comparada** dos alunos das escolas portuguesas em relação aos alunos das escolas brasileiras, temos algumas assimetrias e discrepâncias.

Tabela 5

Distribuição dos pesquisados sobre práticas de violência reprováveis, presenciadas nas escolas de Portugal

Práticas Presenciadas	Ocorrência N	%	Sexo				Escalão Etário					
			Rapaz	%	Rapaziga	%	10 Anos	11 Anos	12 Anos	13 Anos	14 Anos	15 Anos
Nenhuma	383	67.5%	193	70.7%	189	64.9%	69	101	79	60	50	24

Brigas	2	0.4%	2	0.7%	0	0%	0	1	0	0	1	0
Agressão verbal e/ou psicológica/palavrões	68	12%	30	10.2%	38	13.1%	8	16	22	11	7	4
Agressão Física	33	5.8%	16	5.9%	17	5.8%	11	6	5	6	3	2
Bater	7	1.3%	2	0.7%	5	1.7%	3	3	0	1	0	0
Ameaça	5	0.9%	2	0.7%	3	1%	0	3	0	2	0	0
Socos, pontapés, beliscões, puxões de cabelo	24	4.3%	10	3.7%	14	4.8%	4	9	5	4	0	2
Espancamento	4	0.7%	3	1%	1	0.3%	3	0	1	0	0	0
Bullying	19	3.4%	9	3.3%	10	3.5%	3	4	4	6	0	2
Empurrão	4	0.7%	1	0.4%	3	1%	0	2	2	0	0	0
De tudo	1	0.2%	0	0%	1	0.3%	0	0	1	0	0	0
Insultos e/ou desrespeito	6	1.1%	2	0.7%	4	1.4%	2	2	2	0	0	0
Assalto e/ou roubo	8	1.5%	5	1.8%	3	1%	2	3	0	1	1	1
Confrontos	3	0.5%	0	0%	3	1%	0	0	0	3	0	0
Discussão	0	0%	0	0%	0	0%	0	0	0	0	0	0
Discriminação/preconceito	0	0%	0	0%	0	0%	0	0	0	0	0	0
Total	567	100%	273	100%	291	100%	105	150	121	94	62	35

Fonte: Inquérito Representações e Práticas de Violência nas Escolas

Tabela 6

Distribuição dos pesquisados sobre práticas de violência reprováveis, presenciadas nas escolas do Brasil

Práticas Presenciadas	Ocorrência N	%	Sexo				Escalão Etário					
			Rapaz	%	Rapaz	%	10 Anos	11 Anos	12 Anos	13 Anos	14 Anos	15 Anos
Nenhuma	259	60%	107	60,11%	152	60,55%	10	38	49	80	52	30
Brigas	106	24,53%	46	24,71%	60	23,9%	0	3	10	63	17	13
Agressão verbal e/ou psicológica/palavrões	33	7,63%	11	7,63%	22	8,76%	0	2	17	9	2	3
Agressão Física	3	0,69%	2	0,69%	1	0,4%	0	0	1	0	2	0
Bater	1	0,23%	1	0,56%	0	0%	0	0	0	0	0	1
Ameaça	2	0,46%	2	1,12%	0	0%	0	0	0	0	0	2
Socos, pontapés, beliscões, puxões de cabelo	6	1,38%	3	1,68%	3	1,19%	0	3	1	2	0	0
Espancamento	1	0,23%	0	0%	1	0,4%	0	0	0	0	1	0
Bullying	15	3,47%	6	3,4%	9	3,6%	0	0	0	10	2	3
Empurrão	0	0%	0	0%	0	0%	0	0	0	0	0	0
De tudo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0	0	0	0	0
Insultos e/ou desrespeito	3	0,69%	1	0,56%	2	0,8%	0	0	1	2	0	0
Assalto e/ou roubo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0	0	0	0	0
Confrontos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0	0	0	0	0
Discussão	1	0,23%	0	0%	1	0,4%	0	0	0	0	0	1

Discriminação/prec onceito	2	0,4 6%	1	0,23 %	1	0,4 %	1	0	0	1	0	0
Total	432	100 %	178	100 %	251	100 %	11	46	79	167	76	53

Fonte: *Inquérito Representações e Práticas de Violência nas Escolas*

Nas escolas 1 e 2 (Portugal), tabela 5, 383 (67,5%) alunos disseram não terem observado prática de violência na escola. Nas escolas 3 e 4 (Brasil), tabela 6, 259 (60%) alunos. Em relação ao sexo, nas escolas 1 e 2 os rapazes 193 (50,4%) alunos disseram em maior número não terem observado práticas de violência na escola em relação as meninas 189 (49,6%) alunas. Nas escolas 3 e 4, o contrário, um maior número de meninas 152 (58,7%) alunas, disseram não observar práticas de violência em relação aos rapazes 107(41,3%) alunos. Em relação ao escalão etário, quando comparados, as idades diferem em relação a observação de práticas de violência na escola. Nas escolas 1 e 2 (Portugal), temos maior incidência na idade dos 11 anos com 101 alunos e nas escolas 3 e 4 (Brasil) observamos maior incidência na idade dos 13 anos com 80 alunos. Em relação as idades que menos observamos práticas de violência, nas escolas 1 e 2 (Portugal), a idade de 15 anos com 24 alunos e nas escolas 3 e 4 (Brasil) a idade dos 10 anos com 10 alunos.

Em relação às **brigas**, comparando as escolas pesquisadas, nas escolas 1 e 2, apenas 2 (0,35%) alunos disseram terem observado esta prática. Nas escolas 3 e 4, o número de alunos que observaram brigas é muito maior 106 (24,53%) alunos. Em relação ao sexo, nas escolas 1 e 2 apenas os rapazes disseram terem observado brigas na escola. Nas escolas 3 e 4, o contrário, as meninas em maior número de 60 (56,6%) alunas, disseram haver brigas nas escolas em relação aos rapazes 46 (43,4%) alunos. Comparando o escalão etário, as idades diferem em relação às brigas observadas nas escolas estudadas.

Em relação à **agressão verbal, psicológica e palavrões**, comparando as escolas pesquisadas, nas escolas 1 e 2, temos uma incidência maior de alunos que observaram estas práticas em relação as escolas 3 e 4. Os dados analisados são 68 (12%) alunos para 33 (7,63%) alunos. Talvez pelo fato de que na cultura brasileira uma agressão verbal possa levar imediatamente a uma agressão física, em relação à cultura portuguesa onde é comum uma agressão verbal ser dada por encerrada. Em relação ao sexo, nas escolas 1 e 2 os rapazes 30 (44,1%) alunos disseram em menor número terem observado agressão verbal, psicológica e palavrões na escola em

relação as meninas 38 (55,9%) alunas. Nas escolas 3 e 4, o contrário, um maior número de meninas 22 (66,6%) alunas, disseram observar estas práticas em relação aos rapazes 11 (33,4%) alunos. Comparando o escalão etário, as idades diferem em relação à agressão verbal, psicológica e palavrões observados nas escolas.

Em relação à **agressão física**, comparando as escolas pesquisadas, temos nas escolas 1 e 2, maior incidência de alunos que observaram estas práticas em relação as escolas 3 e 4. Os dados analisados são 33 (5,82%) alunos para 3 (0,69%) alunos. Em relação ao sexo, nas escolas 1 e 2 os rapazes 16 (48,5%) alunos disseram terem observado agressão física na escola em relação as meninas 17 (51,5%) alunas. Nas escolas 3 e 4, 2 rapazes e 1 menina, disseram observar esta prática. Comparando o escalão etário, as idades diferem em relação à agressão física observada nas escolas.

Em relação a **bater**, comparando as escolas pesquisadas, nas escolas 1 e 2, temos uma incidência maior de alunos, 7 (1,23%) que observaram estas práticas em relação as escolas 3 e 4, 1 (0,23%). Em relação ao sexo, nas escolas 1 e 2 os rapazes 2 (28,6%) alunos disseram em menor número terem observado bater, em relação as meninas 5 (71,4%) alunas. Nas escolas 3 e 4, apenas 1 rapaz. Comparando o escalão etário, as idades diferem em relação ao bater observado pelos alunos nas escolas pesquisadas.

Em relação à **ameaça**, comparando as escolas pesquisadas, nas escolas 1 e 2, temos uma incidência maior de 5 alunos que observaram estas práticas em relação as escolas 3 e 4 que obtivemos 2 alunos. Em relação ao sexo, nas escolas 1 e 2 os rapazes 2 alunos disseram em terem observado ameaça na escola em relação as meninas 3 alunas. Nas escolas 3 e 4, apenas 2 rapazes observaram ameaças na escola. Comparando o escalão etário, as idades diferem em relação à ameaça observada nas escolas.

Em relação a **socos, pontapés, beliscões e puxões de cabelo**, comparando as escolas pesquisadas, nas escolas 1 e 2, temos uma incidência maior de alunos que observaram estas práticas em relação as escolas 3 e 4. Os dados analisados são 24 (4,23%) alunos para 6 (1,38%) alunos. Em relação ao sexo, nas escolas 1 e 2 os rapazes 10 (41,6%) alunos disseram em menor número terem observado socos, pontapés, beliscões e puxões de cabelo em relação as meninas 14 (58,4%) alunas. Nas escolas 3 e 4, a amostra se apresenta de forma uniforme, 3 rapazes e 3 meninas. Comparando o escalão etário, as idades diferem em relação a socos, pontapés, beliscões e puxões de cabelo, observados nas escolas.

Em relação a **espancamento**, comparando as escolas pesquisadas, temos nas escolas 1 e 2, uma incidência maior de alunos que observaram esta prática em relação as escolas 3 e 4. Os dados analisados são 4 (0,7%) alunos para 1 (0,23%) alunos. Em relação ao sexo, nas escolas 1 e 2 os rapazes 3 alunos disseram em maior número terem observado espancamento na escola em relação as meninas, 1 aluna. Nas escolas 3 e 4, apenas 1 menina observou esta prática. Comparando o escalão etário, as idades diferem em relação a espancamento, observados nas escolas.

Em relação à **bullying**, comparando as escolas pesquisadas, nas escolas 1 e 2, temos uma incidência maior de alunos que observaram esta prática em relação as escolas 3 e 4. Os dados analisados são 19 (3,4%) alunos para 15 (3,3%) alunos. Em relação ao sexo, nas escolas 1 e 2 os rapazes, 9 alunos disseram em menor número terem observado bullying na escola em relação as meninas 10 alunas. Nas escolas 3 e 4, os rapazes 6 alunos em menor número em relação as meninas, 9 alunas. Comparando o escalão etário, as idades diferem em relação à bullying observado nas escolas pesquisadas.

Em relação à **empurrão**, comparando as escolas pesquisadas, nas escolas 1 e 2, temos uma incidência maior, 4 alunos que observaram esta prática em relação as escolas 3 e 4, nenhum aluno. Em relação ao sexo, nas escolas 1 e 2 apenas 1 rapaz em relação a 3 meninas, que disseram terem observado empurrão na escola.

Em relação à **de tudo**, apenas na escola 1 e 2 um aluno de 12 anos, se referiu a esta prática.

Em relação à **insultos e desrespeito**, comparando as escolas pesquisadas, temos nas escolas 1 e 2, 6 alunos, uma incidência maior de alunos que observaram estas práticas em relação as escolas 3 e 4, apenas 3 alunos. Em relação ao sexo, nas escolas 1 e 2 os rapazes, 2 alunos disseram em menor número terem observado insultos e desrespeito na escola em relação as meninas, 4 alunas. Nas escolas 3 e 4, os rapazes, 1 aluno e as meninas, 2 alunas. Comparando o escalão etário, as idades diferem em relação à insultos e desrespeito observados nas escolas.

Em relação a **assalto e roubo**, comparando as escolas pesquisadas, apenas os alunos das escolas 1 e 2, 8 alunos, 5 rapazes e 3 meninas, relataram terem observado assaltos e roubos na escola.

Em relação a **confrontos**, comparando as duas escolas, apenas os alunos das escolas 1 e 2, 3 alunas, relataram terem observado confrontos na escola.

Em relação à **discussão**, comparando as duas escolas, apenas os alunos das escolas 3 e 4, 1 aluna, relatou ter observado discussão na escola.

Em relação à **discriminação** e **preconceito**, comparando as duas escolas, apenas os alunos das escolas 3 e 4, 2 alunos, 1 rapaz e 1 menina, relataram terem observado discriminação e preconceito na escola.

Vemos que em relação as práticas de violências presenciadas nas escolas temos maior incidência de brigas, agressões verbais, psicológicas e palavrões, seguidos de agressões físicas, bullying e os socos, pontapés, beliscões e puxões de cabelo. Em relação as brigas vemos que estas acontecem mais nas duas escolas brasileiras em 98% dos casos. Já as outras práticas analisadas que tivemos maiores incidências: agressões verbais, psicológicas e palavrões, seguidas de agressões físicas, bullying e os socos, pontapés, beliscões e puxões de cabelo, ocorreram numa porcentagem muito maior nas duas escolas portuguesas. Nas escolas brasileiras as meninas relataram mais estas práticas e nas escolas portuguesas, os rapazes.

De acordo com os alunos, existe violência nas relações entre os alunos destas escolas e estes estão conscientes da sua ocorrência e de atos de incivilidade e vitimização entre alunos, e dos lugares em que ocorrem com maior frequência. Entendem a violência de uma forma muito ampla, que abrange desde as físicas às psicológicas. Para eles atos de violência são ações sempre premeditadas e ocorrem entre pessoas de qualquer idade ou posição. Eles explicam:

A violência é um ato muito feio, e que não deve de se fazer. Porque podemos magoar alguém a sério (Resposta de um aluno, N.3, 11 anos).

Não se deve bater a um colega porque é muito feio, e não se deve fazer porque podemos magoar alguém a sério (Resposta de um aluno, N.4, 11 anos).

Eu acho que não devia haver violência nas escolas, porque isso não é bom para ninguém. E isso da violência pode causar: estragos de amizades, meter colegas nos hospitais e muito dessas coisas. Devia de terminar a violência nas escolas (Resposta de um aluno, N.7, 11 anos).

Considerações finais

Apesar de algumas semelhanças em relação às práticas de violência vivenciadas nas escolas estudadas, vemos que os dados da presente investigação apontam também algumas diferenças entre os estabelecimentos de ensino analisados. Neste sentido, podem ser apreendidos aspectos e fatores associados a cada escola, que podem introduzir diferenças relevantes não apenas na prática de violência na escola, mas também nos efeitos das mesmas, tornando este fenômeno em alguns casos, único em cada escola.

A escola e seus profissionais formam um universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações. Cada sujeito apresenta um universo próprio, tornando necessário que o estabelecimento dos espaços interativos, no contexto educacional, seja orientado a promover relações de troca, de esforços compartilhados na construção de soluções comuns, para o alcance dos objetivos coletivos.

Todos nós nos preocupamos com o aumento dos comportamentos agressivos e da violência ocorridos na maioria de nossos sistemas educacionais. Consequentemente, uma medida importante seria o desenvolvimento de uma parceria internacional sobre as políticas e as práticas de prevenção da violência e a formação de nossos professores relacionadas a prevenção da violência nas escolas.

É certo que não existe ainda um conceito de violência na escola suficientemente estabilizado nem uma teoria consolidada na totalidade. Porém, os estudos científicos que, nas últimas décadas, têm vindo a ser desenvolvidos, indicam que estamos perante um campo temático que não tem parado de adquirir consistência teórica e que é fundamental a continuação do desenvolvimento e produção científica.

No entanto, como indica nossa pesquisa, ainda há muito trabalho a ser feito. Damos ênfase aqui ao fato de que as escolas não são capazes, por si sós, de resolver todos os problemas, outros fatores são indispensáveis para enfrentar o problema da melhoria do ambiente escolar, como o trabalho conjunto de diversas agências, universidades, centros de pesquisa, a participação da comunidade, da família, além de um maior reconhecimento por parte do governo, que terá também que destinar maiores verbas para esse fim.

Referências bibliográficas

- ABRAMOVAY, M. & RUA, M.G. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Caleidoscópio das violências nas escolas**. Brasília: Missão Criança, 2006.
- ABRAMOVAY, Miriam. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, OEI, MEC, 2012.
- BARROS, Nazaré. **Violência nas Escolas Bullying**: Reflexões sobre indisciplina, violência e bullying escolar. Lisboa: Bertrand Editora, 2010.
- CHARLOT, Bernard. **Violência nas escolas**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, n. 8, jul./dez.2002.
- DEBARBIEUX, E. (Coord.). **La violence à l`école: approches européennes**. Institute National de Recherche Pedagogic. In: *Revue Francaise de Pedagogie*, n.º123 – abril, mai-juin,1998.
- DEBARBIEUX, Éric.; BLAYA, Catherine. (orgs). **Violência nas escolas**: dez abordagens europeias. Brasília: UNESCO, 2002.
- LISBOA, Manuel (coord.). **Infância Interrompida**. Caracterização das actividades desenvolvidas pelas crianças e jovens em Portugal. Lisboa: Edições Colibri, 2009.
- SEBASTIÃO, João, ALVES, Mariana Gaio, CAMPOS, Joana. **Violência na escola**: Das políticas aos quotidianos. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 41, p. 37-62, 2003.
- SILVA, Joelma Oliveira da & RISTUM, Marilena. **A violência escolar no contexto de privação de liberdade**. *Revista Psicologia, Ciência e Profissão*, 30(2), p.232-247, 2010.
- TAVARES, Priscilla Albuquerque; PIETROBOM, Francine Carvalho. **Fatores associados à violência escolar**: evidências para o Estado de São Paulo. *Estud. Econ.*, São Paulo, vol.46, n.2, p. 471-498, abr.-jun. 2016.

Recebido em Fevereiro de 2019
Aprovado em Julho de 2019